

SOBRE
O ARTESANATO INTELECTUAL
E OUTROS ENSAIOS

C. WRIGHT MILLS

SOBRE
O ARTESANATO INTELECTUAL
E OUTROS ENSAIOS

Seleção e introdução
CELSO CASTRO

Tradução:
MARIA LUIZA X. DE A. BORGES

Revisão técnica:
CELSO CASTRO



ZAHAR

Rio de Janeiro

Título original:

Tradução autorizada da XXXXX edição XXXXX,
publicada em ano por editora,
de cidade, país

Copyright © ,

Copyright da edição em língua portuguesa/da edição brasileira © ano:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Projeto gráfico e composição:

Capa:

Ilustração da capa:

(Quando projeto gráfico e capa forem feitos pelo mesmo
profissional/escritório, deverá constar apenas “Projeto gráfico”)

(entra ficha catalográfica)

Sumário

Introdução

Sociologia e a arte da manutenção de motocicletas 7

por Celso Castro

Sobre o artesanato intelectual 21

O ideal do artesanato 59

O homem no centro: o designer 65

A promessa 81

Que significa ser um intelectual? 89

Introdução

Sociologia e a arte da manutenção de motocicletas

por Celso Castro¹

“O conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício.”

C. WRIGHT MILLS

“O Buda, a Divindade, mora tão confortavelmente nos circuitos de um computador digital ou nas engrenagens de uma transmissão de motocicleta quanto no pico de uma montanha ou nas pétalas de uma flor. Pensar de outra maneira é aviltar o Buda – o que significa aviltar-se a si mesmo. ... Rejeitar a parte do Buda relacionada à análise das motocicletas é omitir o Buda.”

ROBERT M. PIRSIG,

em *Zen e a arte da manutenção de motocicletas* (1974)

Um aborígene norte-americano²

Charles Wright Mills nasceu em Waco, Texas, em 28 de agosto de 1916. Coursou a graduação em sociologia e o mestrado em filosofia na Universidade do Texas em Austin. Em seguida, tentou fazer seu

¹ Professor e pesquisador do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas. Agradeço a leitura que Howard S. Becker, Karina Kuschnir e Lúcia Lippi fizeram deste texto.

² É assim que Mills se auto-refere numa carta a um amigo em 13.4.1957, publicada em C. Wright Mills, *Letters and Autobiographical Writings*. Kathryn Mills e Pamela

doutorado em sociologia na Universidade de Chicago, mas desistiu por não ter conseguido uma bolsa de estudos. Foi então, em 1939, estudar na Universidade de Wisconsin, onde defendeu, em 1942, sua tese de doutorado, “A Sociological Account of Pragmatism: An Essay on the Sociology of Knowledge”.

Mills transferiu-se em 1941 para a Universidade de Maryland (College Park), onde deu aulas de sociologia. Nos três anos seguintes, colaborou com Hans H. Gerth em dois livros: uma coletânea de textos de Max Weber, *From Max Weber: Essays in Sociology*, publicado em 1946 – seu maior best-seller, ainda reimpresso mais de 60 anos após sua publicação³ – e *Character and Social Structure*, que viria a ser publicado em 1953.⁴

Em 1945, Mills mudou-se para Nova York, indo trabalhar no Bureau of Applied Social Research a convite de seu fundador e diretor, Paul Lazarsfeld (1901-76). Ali, teve acesso a farto material empírico, trabalhou coordenando equipes de investigadores e pôde adquirir habilidades em métodos e técnicas de pesquisa quantitativa. No entanto, apesar da admiração que inicialmente sentia por Lazarsfeld, aos poucos as relações entre os dois se deterioraram, até o rompimento completo, em 1952.⁵

Concomitantemente ao trabalho no Bureau, Mills começou a lecionar na Universidade de Columbia em 1947, nela permanecendo até sua morte, em 1962. Ao longo desses 15 anos, Mills foi

Mills (eds.). Introd. Dan Wakefield, Califórnia, University of California Press, 2000, p.205. A maior parte das informações biográficas sobre Mills provém deste livro, que reúne aproximadamente 150 dentre mais de 600 cartas (além de outros escritos inéditos) de Mills, selecionadas, editadas e comentadas por duas de suas filhas. Foi também consultado Horowitz, Irving Louis, *C. Wright Mills: An American Utopian*, Free Press, 1983.

³ Publicado no Brasil como *Ensaio de Sociologia*, em 1971, pela Zahar Editores.

⁴ A edição brasileira, *Caráter e estrutura social*, foi publicada em 1973 pela editora Civilização Brasileira.

⁵ Sobre a experiência de Mills no Bureau, ver Sterne, Jonathan, “C. Wright Mills, the Bureau of Applied Social Research, and the Meaning of Critical Scholarship”, em *Cultural Studies, Critical Methodologies*, vol. 5, n.1, 2005, p.65-94.

uma figura relativamente marginal no ambiente de Columbia. As relações pessoais com alguns colegas foram difíceis; como uma das conseqüências, Mills não dava aulas na pós-graduação. No entanto, essa situação também tinha como vantagem o maior tempo para dedicar-se à pesquisa e à escrita.

Foi em Nova York que Mills publicou o núcleo de sua contribuição para as ciências sociais, uma trilogia sobre a sociedade norte-americana contemporânea, na qual analisava seus três estratos principais: os líderes sindicais, em *New Men of Power* (1948); as classes médias, em *White Collar: The American Middle Classes* (1951), seu primeiro sucesso para além dos muros acadêmicos; e a elite, em *The Power Elite* (1956).⁶ Estes dois últimos livros tiveram várias edições e foram publicados em mais de uma dezena de línguas.

No ano acadêmico de 1956-57 Mills foi professor visitante na Universidade de Copenhague, financiado pela Fullbright. Não havia nenhum motivo especial para ir à Dinamarca, como explicou numa carta a Hans Gerth: “Bem, porque eles pediram por mim; ninguém mais o fez. Segundo, eu gosto da idéia de ir a esse pequeno país.”⁷

Na Europa, Mills completou boa parte do manuscrito de *The Sociological Imagination*, que viria a ser publicado em 1959, livro no qual fazia uma análise crítica das “escolas” que dominavam o campo sociológico de sua época, atacando principalmente as tradições cujos expoentes foram, respectivamente, Lazarsfeld e Talcott Parsons (1902-79). Ficou famosa a “tradução abreviada” que Mills fez, no Capítulo 2 (“Grande teoria”), de extensos trechos retirados das 555 páginas de *The Social System* (1951) de Parsons, afirmando que o livro poderia ser reduzido, sem perda de conteúdo, a 150 páginas de “inglês direto”. Mesmo assim, continuava Mills, o resultado não seria muito impressionante.

⁶ Os dois últimos livros foram publicados no Brasil por Jorge Zahar Editores com os títulos *A nova classe média*, em 1980, e *A elite do poder*, em 1981.

⁷ K. Mills e P. Mills (eds.), *op. cit.*, p.203.

Ao longo do livro, Mills buscou fazer a defesa da “tradição clássica” das ciências sociais, inspirado nas maiores influências intelectuais de sua vida – os alemães Karl Marx, Max Weber e Karl Mannheim, além dos norte-americanos William James, Thorstein Veblen e John Dewey. *A imaginação sociológica*, no entanto, foi um livro escrito por um *insider* para *outsiders*, causando escândalo nos círculos acadêmicos pelo ataque contundente que fez a seus pares. Por volta de 1960, Mills chegou a pensar em trocar Columbia por alguma universidade britânica – provavelmente fruto do bom relacionamento que estabeleceu com pensadores de esquerda como E.P. Thompson, Tom Bottomore e Ralph Miliband –, mas depois desistiu.

À medida que aumentava o afastamento de seus pares acadêmicos norte-americanos, Mills buscava escrever mais e mais para o grande público. Além de artigos em revistas como *New Leader*, *Politics*, *New York Times Magazine* e *Dissent*, escreveu “livros-panfletos” que lhe deram grande exposição na mídia americana – algo comparável apenas, talvez, à que teria a antropóloga Margaret Mead. Em *The Causes of World War Three* (1958), Mills tratou da corrida nuclear; em *Listen, Yankee: The Revolution in Cuba* (1960), da fase inicial da revolução cubana.⁸

Este livro, escrito em apenas seis semanas após uma curta visita que Mills fizera a Cuba em agosto de 1960, foi um enorme sucesso de vendas e, ao mesmo tempo, colocou o FBI à sua espreita. O livro baseou-se em extensas entrevistas gravadas com Fidel Castro, Che Guevara e outros líderes da revolução, além de jornalistas, militares e intelectuais. Fidel teria então contado a Mills que lera *The Power Elite* durante o período da guerrilha.⁹

Mills acreditara que os revolucionários cubanos pudessem seguir por uma via socialista independente. No entanto, em 1º de dezembro de 1961, Fidel fez um discurso de cinco horas no qual se declarava marxista-leninista e elogiava as conquistas da União Soviética.

⁸ Publicados no Brasil por Jorge Zahar Editor, respectivamente, como *As causas da próxima guerra mundial* e *A verdade sobre Cuba*, ambos em 1961.

⁹ K. Mills e P. Mills (eds.), *op. cit.*, p.312.

tica. Diante disso, Mills se viu cada vez mais em maus lençóis com o público e as autoridades americanas e recebeu pelo menos uma ameaça de morte pela defesa que fizera da revolução cubana.¹⁰

Apesar da atração pelas idéias marxistas, Mills sempre manteve uma posição crítica a respeito de muitos de seus fundamentos, como pode ser visto em *The Marxists*, livro que seria publicado postumamente, em 1962.¹¹ Em abril de 1960 Mills foi à Rússia pela primeira vez, país pelo qual teve sentimentos ambivalentes. Em Moscou, horrorizou seus hóspedes durante um jantar ao erguer um brinde ao dia em que as obras completas do proscrito Trotsky seriam publicadas e amplamente distribuídas na União Soviética – nesse dia, acrescentou Mills, “a URSS terá se tornado uma democracia”.¹²

Ao longo de sua vida, Mills sempre manteve-se politicamente independente, evitando aderir a qualquer grupo. Seus heróis políticos eram os Wobblies (Industrial Workers of the World), os radicais americanos do início do século que se opunham a quase tudo e todos, e prezavam acima de tudo sua independência.

Mills esteve no Rio de Janeiro no final de outubro de 1959, convidado para participar do Seminário Internacional “Resistências à mudança: fatores que impedem ou dificultam o desenvolvimento”, realizado no Museu Nacional e promovido pelo CLAPCS (Centro Latino-Americano de Pesquisa em Ciências Sociais),¹³ dirigido pelo

¹⁰ Ver artigo de Ricardo Alarcón, “Waiting for C. Wright Mills”, publicado em *The Nation* em 20.3.2007.

¹¹ A edição brasileira, da Zahar Editores, é de 1968.

¹² K. Mills e P. Mills (eds.), *op. cit.*, p.335.

¹³ Em 1957, acolhendo uma recomendação da 9ª sessão da Conferência Geral da Unesco (Índia, 1956), os estados-membros estabeleceram duas unidades conduzidas por um mesmo Comitê Diretivo: uma especializada em docência de pós-graduação – a FLACSO, em Santiago, no Chile; e outra dedicada à pesquisa social comparativa, o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS), no Rio de Janeiro. Sobre o contexto intelectual de criação do CLAPCS, ver Oliveira, Lúcia Lippi, “Diálogos intermitentes: Relações entre Brasil e América Latina”, em *Sociologias* n.14, Porto Alegre, jul-dez 2005. Sobre o seminário, ver a dissertação de mestrado de Ferreira, Janáina, *Resistências à mudança. Um debate dos cientistas sociais na década de 50*, PPGSA/UFRJ, 1999.

sociólogo Luiz Costa Pinto (1920-2002). Neste seminário, Mills apresentou o trabalho “Remarks on the Problem of Industrial Development”,¹⁴ que foi criticado pelos marxistas brasileiros Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Paschoal Leme, presentes ao evento.

Durante sua estada no Rio, Mills escreveu uma carta a Tovarich, um colega russo imaginário (em russo, a palavra significa camarada) com o qual começara a se “corresponder” (sem ter nunca publicado esse material em vida) entre 1956 e 1957, em sua primeira longa temporada na Europa. A carta, “What does it mean to be an intellectual?”, foi publicada postumamente e encontra-se aqui traduzida pela primeira vez para o português.

Em dezembro de 1960, às vésperas de participar de um debate em cadeia nacional de televisão com Adolf A. Berle Jr. (que fora embaixador no Brasil entre 1945 e 1946) sobre a política externa norte-americana para a América Latina, Mills sofreu um sério infarto do miocárdio. Sobreviveu, mas por apenas mais 15 meses. Em 20 de março de 1962, morreu em sua casa, de outro ataque cardíaco, aos 45 anos de idade.

O artesanato intelectual

Durante sua estada na Europa, Mills completou boa parte do manuscrito de *The Sociological Imagination*, pois na primavera de 1957 apresentou as primeiras versões do livro num seminário em Copenhague. Neste ano, Mills mencionou, numa carta a um amigo, que os manuscritos incluíam “uma [versão] completamente reescrita e, acredito, de primeira linha, de um ensaio nunca publicado *Sobre o artesanato intelectual*” (*On Intellectual Craftsmanship*).¹⁵ O

¹⁴ Publicado em 1960 nos anais do seminário, p.281-7. Nas páginas 297 e 298 encontra-se um resumo dos debates.

¹⁵ Cf. K. Mills e P. Mills (eds.), *op. cit.*, p.230. A primeira versão do texto foi escrita em abril de 1952, segundo anotação de Mills no manuscrito, e distribuída para uso em sala de aula em 1955. O texto completo foi publicado em *Society*, vol.17, n. 2, jan 1980, p.63-70.

texto acabou sendo publicado como apêndice de *The Sociological Imagination* e tornou-se a parte mais universalmente conhecida e elogiada do livro.

É em torno da idéia de “artesanato intelectual” que a presente coletânea de textos de C. Wright Mills foi organizada. Além do famoso apêndice, foram aqui reunidos quatro outros textos curtos que nos ajudam a melhor compreender essa idéia: um trecho de *White Collar* que explica o tipo ideal do artesanato, algo que tornou-se um anacronismo na experiência moderna do trabalho (Capítulo 2); uma palestra, inédita em português, feita por Mills numa convenção para designers, na qual defende o modelo do artesanato como um valor central para seres humanos não alienados (Capítulo 3); a seção inicial de *A imaginação sociológica*, na qual apresenta aquilo que a imaginação sociológica pode nos oferecer, ao esclarecer a inter-relação entre biografia e história (Capítulo 4); e um texto sobre a posição do intelectual e de seu ofício diante das questões públicas (Capítulo 5).

Mills faz, em “Sobre o artesanato intelectual”, um relato pessoal, dirigido aos que se iniciam nas ciências sociais, de como procede em seu ofício. A imagem de um “ofício” – e sua associação com as idéias de “artesanato” e “oficina” – se contrapõe à visão do trabalho do cientista social como alguém que testa hipóteses construídas a partir de leis gerais e aplicadas através de métodos controláveis. No trabalho do cientista social não haveria fórmulas, leis, receitas, e sim *métodos*, no sentido original grego da palavra: via, caminho, rota para se chegar a um fim.

O “artesão intelectual” de que trata Mills deve ser visto como um “tipo ideal”, no sentido weberiano do termo – algo que não é encontrado em forma “pura” na realidade social, mas que, construído pelo pesquisador a partir do exagero de algumas propriedades de determinado fenômeno, nos ajuda a compreendê-lo. Nesse sentido, ver o trabalho de pesquisa como um ofício ressalta a importância da dimensão existencial na formação do pesquisador. Isso não quer dizer que se devam explicar os resultados do trabalho a partir

da biografia; não estamos falando de fenômenos psicanalíticos ou coisas do gênero. Trata-se, como Mills aponta, de enfatizar a indissociabilidade, para o “artesão intelectual”, entre sua vida e seu trabalho – idéia próxima à que um autor como Georg Simmel chamaria de “autocultivo” através da prática de seu ofício.

Temos aqui, como disse Howard S. Becker num texto sobre Mills, uma questão de “quantas horas por dia se é sociólogo”.¹⁶ Esta não é uma questão meramente quantitativa – como se fôssemos tomar, por exemplo, quantas horas alguém se dedica ao seu trabalho como uma “variável” para testar alguma hipótese. Estão em jogo, aqui, diferentes orientações do sociólogo em relação ao seu trabalho: se ele mantém dentro de limites estritos o impacto da perspectiva sociológica sobre sua vida – um “sociólogo de oito horas por dia” – ou se a deixa tomar conta de sua vida interior – um “sociólogo 24 horas por dia”. Não que este “trabalhe o tempo todo”: o importante, na visão de Mills, é que ele, como bom artesão, não dissocie sua vida de seu trabalho, e a perspectiva sociológica está presente não apenas na forma pela qual ele vive no mundo, mas no modo pelo qual ele vê o mundo.

Como fazer isso? A resposta de Mills é clara e direta: organizar um arquivo, manter um diário. No arquivo unem-se experiência pessoal e reflexão profissional. Ao continuamente visitar e reorganizar o arquivo, o artesão intelectual estimula a *imaginação sociológica*. Esta consiste, em grande parte, na “capacidade de passar de uma perspectiva para outra, e, nesse processo, consolidar uma visão adequada de uma sociedade total e de seus componentes” (p.41). É essa imaginação que, na visão de Mills, distingue o cientista social do simples técnico:

A imaginação sociológica ... consiste em parte considerável na capacidade de passar de uma perspectiva para outra, e, nesse processo, consolidar

¹⁶ Howard S., Becker, “Professional sociology: The case of C. Wright Mills” em Ray Rist (org.), *The Democratic Imagination: Dialogues on the Work of Irving Louis Horowitz*. New Brunswick, Transaction Books, 1994, p.175-87. Becker atribui essa idéia a uma conversa com Horowitz, que não a teria publicado.

uma visão adequada de uma sociedade total e de seus componentes. É essa imaginação, é claro, que distingue o cientista social do mero técnico. Técnicos adequados podem ser instruídos em poucos anos. A imaginação sociológica também pode ser cultivada; por certo ela raramente ocorre sem muito de trabalho, muitas vezes rotineiro. Há no entanto uma qualidade inesperada em relação a ela, talvez porque sua essência seja a combinação de idéias que ninguém supunha que fossem combináveis – digamos, uma mistura de idéias da filosofia alemã e da economia britânica. Há um estado de espírito lúdico por trás desse tipo de combinação, bem como um esforço verdadeiramente intenso para compreender o mundo, que em geral falta ao técnico como tal (p. 41).

Como um artista “*bricoleur*”, o artesão intelectual está atento para combinações não-previstas de elementos, evitando normas de procedimento rígidas que levem a um “feticismo do método e da técnica”:

Estimule a reabilitação do artesão intelectual despretensioso, e tente se tornar você mesmo tal artesão. Deixe que cada homem seja seu próprio metodologista; deixe que cada homem seja seu próprio teorizador; deixe que teoria e método se tornem parte da prática de um ofício (p. 56).

A manutenção de um arquivo como o proposto por Mills – tarefa que ele realizava com lápis e papel, mas que hoje pode igualmente ser realizada com um computador – gera o hábito da auto-reflexão sistemática, através da qual o cientista social aprende como manter seu mundo interior desperto, relacionando aquilo que está fazendo intelectualmente e o que está experimentando como pessoa. Como disse Gláucio Soares, “arquivos deste tipo são, essencialmente, uma conversa íntima e solitária”.¹⁷

¹⁷ Soares, Gláucio Ary Dillon, “Pesquisa rica em países pobres?”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.16, ano 6, jul 1991, p.70.

Mills procura, nos textos aqui reunidos, seguir sua própria exortação de que a apresentação do trabalho do sociólogo deve ser feita em linguagem o mais clara e simples possível, evitando ao máximo o jargão e o hermetismo – “para superar a *prosa* acadêmica, temos de superar primeiro a *pose* acadêmica” (p.50). Em “Sobre o artesanato intelectual”, dá vários exemplos concretos a seus leitores daquilo que defende, a partir de sua própria prática, em particular com a pesquisa que levou à redação de *A elite do poder*. Como um mestre-artesão que procura passar aos aprendizes de seu ofício aquilo que aprendeu ao longo de seu caminho.

Um sociólogo numa motocicleta

Dan Wakefield relembra um episódio ocorrido quando trabalhava como assistente de pesquisa de Mills.¹⁸ Um homem que pertencia a um pequeno grupo socialista veio pedir sua assinatura numa petição para que a organização deixasse de ser classificada como “subversiva” pelo governo. Mills assinou, mas passou a debater criticamente as idéias políticas de seu interlocutor, que, exasperado, perguntou, afinal, em que Mills acreditava. Ele, que naquele momento estava consertando sua motocicleta, respondeu sem hesitar: “motores alemães”.¹⁹

Talvez essa resposta seja mais do que uma simples brincadeira, e que o ideal do artesanato tenha ocupado uma dimensão mais plena na vida de Mills e em seu ofício de sociólogo. Ele começou a pilotar uma motocicleta BMW modelo R69 (a mesma que

¹⁸ Essa informação e as seguintes encontram-se na introdução que Dan Wakefield escreveu ao livro com as cartas e escritos de Mills (K. Mills e P. Mills (eds.), *op. cit.*, p.1-18).

¹⁹ Cf. K. Mills e P. Mills (eds.), *op. cit.*, p.14. Apesar dessa resposta, nas eleições de 1940 e 1948 Mills votou para presidente no candidato do Partido Socialista, Norman Thomas (*ibid.*, p.120).

aparece na capa deste livro) devido à dificuldade em estacionar em Morningside Heights, onde fica a Universidade de Columbia. Três vezes por semana, vestindo jeans e camiseta, Mills cobria de moto, em uma hora, os 50km entre sua casa em Pomona (NY) e Columbia.²⁰

Quando Mills viajou para a Europa pela primeira vez, em janeiro de 1956, o fez não para compromissos acadêmicos, mas para um curso de manutenção de motocicletas durante duas semanas na fábrica da BMW em Munique. Ao final, recebeu o diploma de mecânico de 1ª classe, que orgulhosamente mandou emoldurar. Neste mesmo ano, fez um grande tour pela Europa numa BMW. Em carta a um amigo, escrita no verão de 1956, descreveu seu estado de espírito: “Buda numa motocicleta.”²¹

Em 1948, Mills e Ruth Harper, sua segunda esposa, fizeram uma viagem de cerca de 32 mil km de carro, saindo de Nova York até Los Angeles, onde compraram um trailer. Dali seguiram lentamente para o norte, pela costa, até São Francisco, e de lá para a Columbia Britânica. Ziguezaguearam pelo Canadá até chegarem a Montreal, de onde retornaram a Nova York. No caminho, compraram por 175 dólares duas ilhotas às margens do lago Temagami, situado numa reserva florestal em Ontário, Canadá, a cerca de 1.300km de NYC. Para chegar às ilhas era preciso sair da rodovia e viajar de barco por cerca de 50km. Mills passou as férias de 1949 na ilha, acompanhado de sua primeira filha, Pamela, então com seis anos. Ele e Ruth trabalhavam de manhã em *White Collar* e construíam a casa à tarde. A descrição de sua rotina, que Mills faz em carta a um amigo, lembra *Walden*, de Henry Thoreau – com a grande diferença de que Mills não estava só:

²⁰ Em 1959 Mills mudou-se para uma casa que ajudou a projetar e construir em Rockland County (West Nyack, NY), a cerca de 40km de Nova York. Continuou indo trabalhar de motocicleta.

²¹ K. Mills e P. Mills (eds.), *op. cit.*, p.212.

Eis a maneira pela qual vivemos: levantamos por volta de 7h30 ou 8h e comemos, após mergulhar no lago. Pamela está aqui há cerca de cinco semanas e nada vestida com um pequeno colete de cortiça. Trabalhamos em seguida em nossas escrivatinhas até cerca de 12h30. Pamela brinca sozinha esse tempo, e está aparentemente muito feliz. Depois do almoço trabalhamos na casa até irmos nadar por volta de 16h30, quando Pamela tem sua aula de natação. Após isso, nos deixamos levar pela correnteza. Pode ser que vá de caiaque com Pamela colher nenúfares; ou, talvez, sigamos seis milhas pelo lago no barco a motor até a ilha do Urso pegar correspondência... isto, duas ou três vezes por semana. Ou, talvez, fiquemos apenas sentados olhando a casa e fazendo planos para as construções do próximo ano. (Uma ponte sobre o pequeno canal até a outra ilha. Uma casa de hóspedes ali. Outra doca lá naquele ponto.) Bem, é mais ou menos assim que vamos indo.²²

Segundo Dan Wakefield, Mills proclamava em suas aulas que cada um deveria construir sua própria casa – como ele mesmo o fizera – e, com o estudo adequado, construir seu próprio carro. Além de motores alemães e de construir casas, Mills gostava também de fotografar, de tocar violão e de cozinhar. Wakefield lembra que, em sua primeira visita à casa de Mills, após este lhe servir uma refeição que havia preparado, perguntou com incredulidade: “Meu Deus, homem, você quer dizer que não faz seu próprio pão?” Três dias após o nascimento de seu filho Nikolas, Mills escreveu a um amigo contando que “ele tem mãos exatamente como as de meu pai (e minhas) e quase tão grandes! Verdadeiras luvas de beisebol. Espero que ele se torne um honesto carpinteiro ou um mecânico de corridas, se ainda tiverem restado carros decentes quando ele tiver dez ou 12 anos e puder chegar perto de um motor”.²³

²² K. Mills e P. Mills (eds.), *op. cit.*, p.142.

²³ Carta de 22.6.1960 a Ralph Miliband (K. Mills e P. Mills (eds.), *op. cit.*, p.290).

Esses indícios, presentes na biografia de Mills, parecem sugerir que o modo de vida do artesão tenha sido, para ele, mais que apenas um tipo ideal sociológico. Nada mais apropriado para quem, como poucos, defendeu que vida e obra devem se alimentar mutuamente.

A propósito, muitos anos após a morte de seu pai, Nikolas Mills apaixonou-se por reformar carros antigos e tornou-se um artista e designer.²⁴

²⁴ Ver www.nikmills.com.

Sobre o artesanato intelectual

Para o cientista social individual que se sente parte da tradição clássica, a ciência social é a prática de um ofício. Homem dedicado a questões importantes, ele está entre aqueles que ficam rapidamente impacientes e entediados com discussões complicadas sobre método e teoria em geral; muito disso interrompe seus verdadeiros estudos. É melhor, ele acredita, que um estudioso ativo relate como está se saindo em seu trabalho do que ter uma dúzia de “codificações de procedimento” estabelecidas por especialistas que, o mais das vezes, nunca fizeram muitos trabalhos importantes. Somente através de conversas em que pensadores experientes trocam informações sobre suas maneiras efetivas de trabalhar é possível comunicar uma noção útil de método e teoria ao estudioso iniciante. Parece-me válido, portanto, relatar com algum detalhe como procedo em meu ofício. Este é necessariamente um relato pessoal, mas escrito na esperança de que outros, em especial aqueles que estão iniciando um trabalho independente, o tornem menos pessoal através dos fatos de sua própria experiência.

1 É melhor começar, acredito, lembrando a você, o estudioso iniciante, que os mais admiráveis pensadores da comunidade acadêmica em que decidi ingressar não separam seu trabalho de suas vidas. Parecem levá-los ambos a sério demais para admitir tal dissociação, e querem usar uma coisa para o enriquecimento da outra. Essa se-

paração, é claro, é a convenção predominante entre os homens em geral, originando-se, suponho, do vazio do trabalho que os homens em geral fazem hoje. Mas você reconhecerá que, como intelectual, tem a oportunidade excepcional de planejar um modo de vida que encorajará os hábitos da boa produção. O conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício; para realizar suas próprias potencialidades, e quaisquer oportunidades que surjam em seu caminho, ele constrói um caráter que tem como núcleo as qualidades do bom trabalhador.

Isto significa que deve aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la continuamente. Neste sentido, o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar. Dizer que você pode “ter experiência” significa, por exemplo, que seu passado influencia e afeta seu presente, e que ele define sua capacidade de experiência futura. Como cientista social, é preciso controlar esta ação recíproca bastante complexa, apreender o que experiencia e classificá-lo; somente dessa maneira pode esperar usá-lo para guiar e testar sua reflexão e, nesse processo, moldar a si mesmo como um artesão intelectual. Mas como fazer isso? Uma resposta é que você deve organizar um arquivo, o que é, suponho, a maneira de um sociólogo dizer: mantenha um diário. Muitos escritores criativos mantêm diários; a necessidade de reflexão sistemática em que o sociólogo se vê exige isso.

Num arquivo como o que vou descrever, há uma combinação de experiência pessoal e atividades profissionais, estudos em curso e estudos planejados. Nesse arquivo, você, como um artesão, tentará reunir o que está fazendo intelectualmente e o que está experimentando como pessoa. Aqui, não terá receio de usar sua experiência e relacioná-la diretamente a vários trabalhos em andamento. Servindo como um controle ao trabalho repetitivo, seu arquivo lhe